

Orquidário

*VOLUME 4, nº 1, 1990
janeiro, fevereiro e março*



Revista oficial
da Orquidário

DIRETORIA

Presidente..... Alvaro Pessôa
Vice-Presidente..... Waldemar Scheliga
Secretário..... Carlos Eduardo B. Pereira
Tesoureiro..... Raimundo Mesquita
Diretor Social..... Hans J. O. Frank

Diretor de Exposições..... Helena Eyer
Diretor de Julgamento..... Roberto Agnes
Diretor Técnico..... Roberto Agnes
Assistente da Diretoria..... Antônio A. de Gouvêa
Bibliotecário..... Mário de Abreu Almeida

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editor: Roberto Agnes — Tel.: (021) 541-3279

Comissão Editorial: Sandra Frank, Carlos A. Gouveia, Waldemar Scheliga, Alvaro Pessôa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista e de propriedade de Orquidário, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços

1 — contribuição dos sócios:

— fundadores e contribuintes: 7 BTN's Fiscais por trimestre ou 20 BTN's Fiscais por anuidade.

— correspondentes, residindo fora da cidade do Rio de Janeiro: 4 BTN's Fiscais por trimestre ou 12 BTN's Fiscais por anuidade.

— vitalícios, por faixa etária:

I — de 30 a 40 anos — 3.500 BTN's Fiscais

II — de 40 a 50 anos — 2.750 BTN's Fiscais

III — de 50 a 55 anos — 2.000 BTN's Fiscais

IV — de 55 a 60 anos — 1.570 BTN's Fiscais

V — de 60 a 65 anos — 1.200 BTN's Fiscais

VI — de 65 a 70 anos — 790 BTN's Fiscais

VII — de 70 a 75 anos — 450 BTN's Fiscais

VIII — acima de 75 anos — 350 BTN's Fiscais

2 — números atrasados e avulsos da Revista, sujeitos à disponibilidade de estoque: 4 BTN's fiscais.

3 — publicidade, devendo o interessado fornecer o texto e lay-out:

— página inteira: 250 BTN's Fiscais

— meia página: 130 BTN's Fiscais

— quarto de página: 63 BTN's Fiscais

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Rua Sorocaba nº 122 — Botafogo, CEP 22.271 — Rio, RJ.

ORQUIDÁRIO

Livro n.º ... R13

Obra n.º

MSMB

Bibliotecário

Índice dos artigos

Editorial	4
Compreendendo Orquídeas	5
Cultivando <i>Catasetum</i>	7
1st Expointer	10
Nossas Orquídeas Menores. <i>Dichaea</i>	12
O gênero <i>Phalaenopsis</i>	15
Semeadura, sem uso de "capela"	21
Espécies Interessantes	27
Seção Perguntas e Respostas	29
Sementeira dos Sócios	30

Índice e créditos de fotos e desenhos

<i>Catasetum atratum</i> . Vitorino Paiva Castro Neto	7
<i>Catasetum tiginum</i> . Vitorino Paiva Castro Neto	8
<i>Dendrobium</i> 'Tardio'. Álvaro Pessoa	10
<i>Bifrenaria thyriantina</i> . Álvaro Pessoa	11
<i>Dichaea graminoides</i> , (SW) <i>lindl.</i> Augusto Neves	12
<i>Dichaea panamensis</i> , <i>lindl.</i> Augusto Neves	13
<i>Dichaea kegelii</i> <i>rchb.</i> Augusto Neves	13
<i>Dichaea Rendly</i> , <i>var. trinitensis</i> . Augusto Neves	14
<i>Dichaea Rendly Gleason</i> . Augusto Neves	14
<i>Phalaenopsis amabilis</i> . Autoria não indicada	15
<i>Phalaenopsis violácea</i> . Autoria não indicada	18
<i>Phalaeopsis gigantea</i> . E. Boyett Jr.	18
<i>Cycnoches loddigesii</i> . Autoria não indicada	27
Segmentos de <i>Paphiopedilum</i> . Lefèvre	29

Nossas Capas

Cattleya labiata é uma das nossas espécies mais cobiçadas. Com floração no fim do verão, começo do outono, ela sempre atrai comentários pela beleza e delicadeza das suas flores. A capa, com excelente foto de João Paulo Souza Fontes, seu cultivador, é de *C. labiata autumnalis*, 'Iris Montfort'. A contracapa nos mostra o resultado do aperfeiçoamento de espécies nossas. A *Cattleya nobilior*, mostrada ali, de forma espetacular, pertence a Cesar Wenzel (Orquidário Rio-clarense) e foi premiada pelos juizes da AOS, com um AM/AOS, na 1st Expointer, recentemente promovida em São Paulo, pelas coirmãs AOSP, SBO e CPO.

Nosso próximo número

No próximo número, Carlos Eduardo Brito Pereira retoma a série sobre *Oncidium*. Teremos a continuação da série sobre *Phalaenopsis* e Fernando Parga tratará do magnífico *Paphiopedilum rothschildianum* e seus híbridos.

EDITORIAL

Caros leitores, com este número nós iniciamos a nova década com a esperança de que se faça cada vez mais presente uma nova postura em relação à preservação de nossas muitas e preciosas espécies. Não é preciso mencionar a atenção que a Amazônia tem recebido de todo o mundo, como parece natural que nossas espécies de orquídeas tenham se tornado parte desse grande movimento de preservação. O número de janeiro do Bulletin da AOS traz muitos artigos interessantes relacionados à preservação do meio ambiente e, num deles, um trecho me chamou, particularmente, a atenção: "Possamos ter o prazer e a maravilha da convivência com as orquídeas, sejam elas pequenas microscópicas ou grandes e extravagantes. Significa apenas que devemos nos inteirar da necessidade da preservação do habitat e da propagação artificial."

Isto exprime, fielmente, o que talvez seja a postura perfeita em relação à preservação das espécies e define o caminho que muitos orquidários comerciais adotaram com vista ao futuro. Muitos deles já possuem laboratórios que produzem a maioria das espécies por sementes ou meristemas. As vantagens são óbvias, sendo que as plantas cultivadas, desde o início num ambiente controlado, tendem a se desenvolver mais rápido e seguramente são mais saudáveis.

Com cuidadosa seleção de matrizes, a progênie resultante é quase sempre de boa qualidade. Quantas vezes não nos surpreendemos com uma planta particularmente bonita que foi desenvolvida por sementeira e não coletada do mato? Vejo um bom exemplo das vantagens da cultura assimbiótica em duas de nossas espécies mais procuradas: *L. lobata* e *L. jongheana*, que são bastante desejadas por causa de suas lindas flores, mas são raras, hoje, na natureza, e, por isso, foram colocadas na lista de espécies ameaçadas de extinção. Não é fantástico que

possamos comprar 'seedlings' criados em laboratórios dessas duas espécies, contribuindo assim para preservação delas e, mais do que isto, para sua penrização?

Claro que sempre nos fascinará o encanto e mistério da planta coletada no seu habitat, acrescido do desejo de que "aquela" tenha a forma excepcional, com que todos sonhamos. Sabemos, no entanto, que, na maioria dos casos, tal planta será um exemplar bem típico, se não inferior, e que, como quase sempre acontece, terminará na lata do lixo ou negligenciada, mais um caso na eterna procura da planta perfeita.

Quantas vezes, durante um passeio, nos carregamos de orquídeas movidos pelo entusiasmo do momento e, uma vez em casa, descobrimos que não temos espaço suficiente na estufa ou que não temos as condições climáticas necessárias para o cultivo delas. Uma visão crítica disso tudo é o que faz toda a diferença.

A discussão, quanto a se se deve coletar ou não, parece ser dessas que não tem fim. Posso compreender os defensores da coleta, quando se vê grandes áreas, onde orquídeas são endêmicas, sendo destruídas. Nossa reação natural é dizer que, de fato, coletar é a melhor solução. É difícil decidir o que é certo ou errado, especialmente quando vivemos num país que se tornou o alvo de um movimento que às vezes tende a ser excessivamente emocional.

O ponto importante, porém, parece-me que devemos possuir a consciência de que tenhamos, através dos nossos esforços, contribuído de alguma maneira para a preservação de nossas espécies e de que o futuro as encontrará.

Roberto Agnes
Editor

Compreendendo Orquídeas

*Hugh Rogers**

Compreender orquídeas significa melhor cultivá-las. Aprender a compreendê-las é excitante, gratificante e frustrante.

Robert L. Dressler, no prefácio de seu excelente livro "As orquídeas — História Natural e Classificação" nos diz como, cedo, em sua carreira de biólogo, "... aprendeu que orquídeas nem sempre têm a decência de proceder como os botânicos dizem que deveriam". Poucos parágrafos adiante, nos tendo dito de como a urgência de escrever o livro se impôs à sua vida, nos conta, ainda com diferentes emoções, como "... me sinto gratificado (e um pouco desanimado) pela quantidade de novos dados que me chegaram às mãos enquanto este livro estava sendo impresso". Dressler descobriu, como todos nós, que para compreender as orquídeas, existe começo, mas não existe fim. Você acaba de ser avisado, mas junta-se a mim neste artigo sobre o começo dessa compreensão, que oferece muitas recompensas para o entusiasta.

A evolução no nosso planeta criou competição, onde o vencedor sobreviveu e o destino do perdedor foi a extinção. Nos trópicos, a competição era mais selvagem e tanto a vida vegetal quanto a vida animal tiveram que achar meios singulares para assegurar a sobrevivência das espécies. No mundo das plantas, algumas espécies de árvores decidiram que superariam qualquer competição se mudassem seu tamanho, e então as florestas gigantes se desenvolveram, árvores imensas pairando sobre qualquer outra coisa que crescesse à sua volta. Elas taparam o

sol, a luz e o ar (fatores tão necessários para o crescimento de qualquer planta saudável) impedindo-lhe de atingir as plantas no solo, muitas das quais desistiram da luta e desapareceram da face da Terra para sempre.

As orquídeas acharam três rumos principais para escapar das condições sufocantes criadas pelas árvores. (Sempre existem exceções mas não vamos complicar a questão).

As do primeiro grupo decidiram que gostavam de boa terra, e quando a floresta as expulsou, elas se estabeleceram em pampas, algumas até em pântanos e outras, ainda, em áreas florestais relativamente iluminadas, o sol, indispensável para a vida, vinha através das folhas até o chão. Esse grupo, tendo, firmemente escolhido manter seus pés na Terra, adaptou seus hábitos, de maneira a se desenvolverem em harmonia com seus vizinhos. Essas são as terrestres, provavelmente as mais fáceis para nós de compreender ainda que, contrariamente, as de cultivo mais difícil.

As do segundo grupo decidiram que quanto menos vizinhos tivessem com que competir, melhor seria. Mudaram-se então para formações rochosas, em capoeiras e pampas, onde escondiam suas raízes nas fendas das rochas ou debaixo de líquens e musgos. Esse grupo conhecemos como litofítico, do grego, ou rupícola, do latim.

As do terceiro grupo tiraram suas raízes fora da suja e mal-cheirosa terra sem sol da floresta e escalaram as árvores gigantes para alcançar as brisas brincando por entre as folhas, à luz do sol salpicada e com a boa e limpa água das chuvas tropicais e, frequen-

* 10 Somers Road — Clarendon — Pietermaritzberg — South Africa.

temente, muito cedo pelas manhãs, com as frescas névoas que gentilmente umidecem suas folhas e raízes. Essas são as nossas epífitas. As epífitas tinham ainda que competir por espaço, dessa vez com elas próprias, então decidiram (será que formaram um comitê?!) que algumas iriam se aventurar nos pequenos galhos perto das periferias das árvores. Pela própria natureza das coisas, elas teriam que ser bem pequenas, então temos aqui as micro-epífitas, não menos belas por sua falta de tamanho. As suas raízes se amarram em volta dos galhos que, freqüentemente, desaparecem sob a massa de raízes entrelaçadas.

Outras se estabeleceram em troncos mais grossos, onde suas raízes se agarram firmemente na casca rugosa para obter água da chuva que desce trazendo comida colhida do ar e de dejetos de pássaros. Essas são nossas epífitas, dentre as quais nossas mais conhecidas como *Cattleyas*.

Outras epífitas, ainda, crescem em grandes fendas das cascas ou em forquilhas das árvores onde 'adubo orgânico' se forma de folhas ou outras matérias que caem. Essas procuram o melhor dos dois mundos, nós nos referimos a elas como 'semi-epífitas'.

No caminho, todas as epífitas desenvolveram um sistema de raízes que poderia absorver comida e umidade muito rápida e eficientemente e, como não tinham mais o substrato para reter água e nutrientes, elas tiveram que fazer suas próprias 'despesas'. Fizeram isto, inteligentemente, usando suas próprias hastes, ou folhas, ou ambas. As hastes (não confundir com inflorescências) se tornaram intumescidas de tal forma que, como em *Cymbidiums* e muitas *Cattleyas*, elas são dificilmente conhecidas como hastes. Nos referimos a essas 'despesas' como Pseudobulbos. Embora algumas folhas, como as das *Lycastes*, permaneçam macias e flexíveis com pouca resistência a condições secas ou variáveis, muitas das folhas desenvolveram essas mesmas qualidades de 'despesa' dos pseudobulbos. Um delicio-

so exemplo é o *Dendrobium linguiforme* com sua corrente de folhas intumescidas, parecendo muitas línguas verdes.

Em resumo: seguindo a grande caminhada das plantas, temos esses grupos principais.

- 1) As terrestres, com suas raízes no chão.
- 2) As litofíticas ou rupículas que crescem nas rochas.
- 3) As epífitas, que crescem em árvores e arbustos.

No seu desenvolvimento, as epífitas estavam determinadas a fugir de:

- a) água e solo azedos
- b) luz pobre
- c) ar estagnado

Em termos práticos, na compreensão de nossas epífitas, sabemos que para assegurar um cultivo bem-sucedido devemos proporcionar:

- 1) bastante luz, mas não sol direto
- 2) movimento do ar
- 3) umidade
- 4) temperatura moderada
- 5) aplicações freqüentes de água limpa
- 6) aplicações freqüentes, mas diluídas, de nutrientes

Agora, se você alargou um pouco mais sua compreensão sobre orquídeas, seu apetite foi atizado e você recebeu algo para meditar, que tal pouco mais de leitura? Não se preocupe com os trabalhos maiores, ou você terá uma indigestão. Na biblioteca da sua sociedade existem vários livros que podem ajudá-lo a compreender um pouco mais o mundo fascinante das orquídeas.



Catasetum atratum

Cultivo e Foto: V. Paiva

Cultivando *Catasetum*

*Vitorino Paiva Castro Neto**

Desde meus começos na orquidofilia, me senti atraído por este gênero de orquídea, procurando logo conseguir alguns exemplares.

Nessa época possuía apenas um telado, lateralmente aberto, onde acomodava algumas orquídeas.

Notei, depois de alguns anos, que várias orquídeas por mim adquiridas, sobretudo os *Catasetum*, não se desenvolviam bem, visto que o clima em São Bernardo, S. Paulo, é relativamente frio para esse tipo de planta, além do fato de muitos *Catasetum* serem ali atacados por fungos, em períodos de muita chuva.

Supuz que a falta de crescimento adequado e o conseqüente ataque de fungos, fosse conseqüência do clima frio, que não possibilitava um bom de-

envolvimento de muitas das orquídeas por mim cultivadas.

Levado pelo desejo de encontrar uma solução para tais problemas, achei, na época, que construindo uma estufa aquecida, teria a solução. Construí então uma estufa de aproximadamente 50m² em alvenaria, com teto de vidro, com tela de 30%, colocada por cima para proteger o vidro.

A fim de facilitar a rega, foram colocados aspersores e 2 jogos de resistência ligados a um termostato que disparava, automaticamente, quando a temperatura descia abaixo de 17°C.

Fiz então a mudança das plantas que acreditava necessitarem de mais calor.

Realmente, as plantas brotavam mais rapidamente, depois de passado o período dos meses mais frios, principalmente *Catasetum*.

Logo percebi que a estufa que tinha construído era demasiadamente úmida e, ao fim de alguns meses, não ti-

* Rua Vicente Galafassi, 459 — São Bernardo do Campo, SP — 09.700.



Catasetum atratum

Cultivo e Foto: V. Paiva

Cultivando *Catasetum*

*Vitorino Paiva Castro Neto**

Desde meus começos na orquidofilia, me senti atraído por este gênero de orquídea, procurando logo conseguir alguns exemplares.

Nessa época possuía apenas um telado, lateralmente aberto, onde acomodava algumas orquídeas.

Notei, depois de alguns anos, que várias orquídeas por mim adquiridas, sobretudo os *Catasetum*, não se desenvolviam bem, visto que o clima em São Bernardo, S. Paulo, é relativamente frio para esse tipo de planta, além do fato de muitos *Catasetum* serem ali atacados por fungos, em períodos de muita chuva.

Supuz que a falta de crescimento adequado e o conseqüente ataque de fungos, fosse conseqüência do clima frio, que não possibilitava um bom de-

envolvimento de muitas das orquídeas por mim cultivadas.

Levado pelo desejo de encontrar uma solução para tais problemas, achei, na época, que construindo uma estufa aquecida, teria a solução. Construí então uma estufa de aproximadamente 50m² em alvenaria, com teto de vidro, com tela de 30%, colocada por cima para proteger o vidro.

A fim de facilitar a rega, foram colocados aspersores e 2 jogos de resistência ligados a um termostato que disparava, automaticamente, quando a temperatura descia abaixo de 17°C.

Fiz então a mudança das plantas que acreditava necessitarem de mais calor.

Realmente, as plantas brotavam mais rapidamente, depois de passado o período dos meses mais frios, principalmente *Catasetum*.

Logo percebi que a estufa que tinha construído era demasiadamente úmida e, ao fim de alguns meses, não ti-

* Rua Vicente Galafassi, 459 — São Bernardo do Campo, SP — 09.700.

mento preventivo utilizando, semanalmente e alternando, os seguintes fungicidas combinados com uma adubação foliar: — Dithane M-45, Benlate 500 e Morestan (este que é fungicida acaricida)

No caso do ataque de cochonilhas e pulgões, tenho usado Malathol, ou um inseticida sistêmico como o Metasistox.

Como as folhas dos *Catasetum* são bastante sensíveis aos inseticidas é aconselhável associar um fungicida e deixar a planta invertida de um dia para o outro. Para matar lesmas, caracóis e tatuzinhos, o único produto eficaz que conheço é o Slufit 20%, que deve ser aplicado, somente, sobre o substrato, pois pode queimar as folhas.

No caso da adubação, pode-se utilizar um adubo foliar com preferência para as dosagens 20-20-20, ao qual se recomenda associar um fungicida, adubando a planta invertida e dependurada, sobretudo quando não se associa um fungicida. Pode-se também usar adubo orgânico, como torta de mamona e outros, colocando uma colher de chá sobre o substrato, mas tendo em conta que a decomposição dos adubos orgânicos pode acidificar em demasia o substrato, queimando as raízes. Um novo produto que está sendo experimentado é o ácido húmico Fertium. A aplicação deve ser feita também só molhando o substrato.

Existe uma gama muito grande de materiais que pode ser usada como substrato. Eu tenho usado o xaxim, tocando o substrato anualmente no período de inverno. É aconselhável deixar em repouso os *Catasetum*, por

algum tempo, antes de replantá-los. Um substrato que está sendo muito utilizado é o coxim, (fibras de coco, prensadas).

Pode-se, também, utilizar pedaços de madeira ou substrato mistos, usando sinasita, bolas de isopor, etc. Um amigo orquidófilo me disse que está obtendo ótimos resultados no cultivo de *Catasetum* utilizando uma camada de areia grossa, como última camada nos vasos.

Resumindo o que foi dito e levando em consideração o clima da região onde os meus *Catasetum* estão sendo cultivados, relacionamos as seguintes indicações para um bom cultivo dos *Catasetum*:

- 1) Em climas sujeitos a períodos longos de frio, manter os *Catasetum* em estufas que conservem um pouco mais de calor à noite;
- 2) As estufas devem ser fechadas e não muito altas, devendo ser providas de janelas que possibilitem boa ventilação, sobretudo nos dias mais quentes;
- 3) Boa luminosidade é desejável.
- 4) Nas regas, molhar somente o substrato, não as folhas, e o sistema por gotejamento é recomendado.
- 5) As plantas devem ficar dependuradas.
- 6) A adubação deve ser usada com frequência e, no caso de se utilizar adubo foliar, recomenda-se associar a um fungicida.
- 7) No caso do ataque de ácaros, cochonilhas, pulgões e fungos em geral, usar produtos adequados, fazendo a aplicação com o vaso invertido e dependurado, deixando secar de um dia para o outro.

“Nêgo Plantas”

Orquídeas do Espírito Santo. Preços baixos.

Cattleyas: schilleriana, velutina, schofieldeana, guttata etc. Laelias.

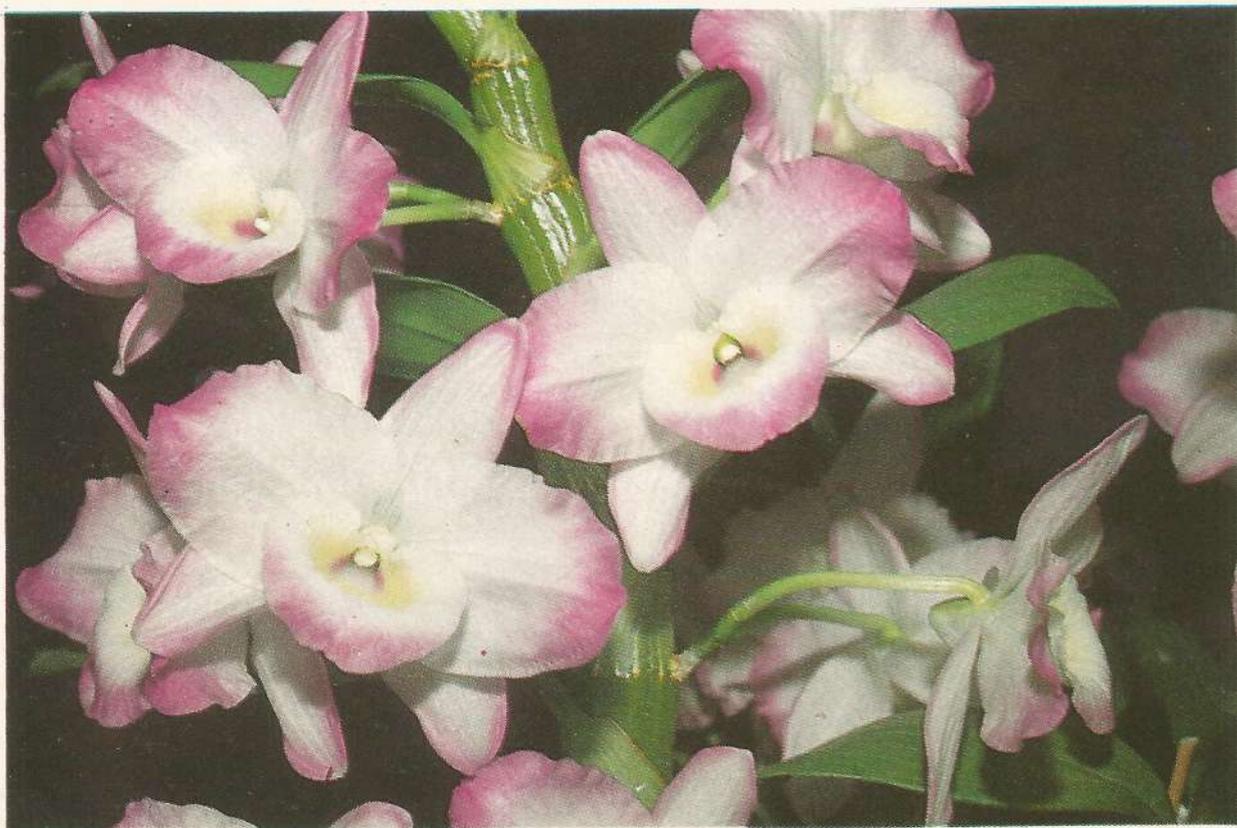
Oncidium. Rodriguezias. Aspacias. Huntleyas. Epidendrum e outras.

Solicite lista de preços, gratuita. BR-262, Km 45

Tel.: (027) 268-1156 — Mal. Floriano Mun. Domingos Martins, ES 29.277

1st Expointer Orquídeas — Marco de uma Nova Era

Álvaro Pessôa*



Dendrobium Tardio

Cultivo: S. Nagase e Foto: Alvaro Pessôa

Quando o encerramento da 1st Expointer Orquídeas, que as entidades orquidófilas paulistas organizaram no Clube Hebraica, estava alcançado o marco do renascimento da orquidofilia brasileira.

A Expointer marcou o fim de um período de quase 30 anos e reviveu as gloriosas tradições do passado fluminense, gaúcho e paulista de grandes exposições, que ocorriam nas décadas de 50 e 60.

Em primeiro lugar, quebrou-se a medíocre monotonia das bancadas, que marcaram (e ainda marcam), em alguns lugares, a decadência atingida

pelas exposições de orquídeas. Nelas colocam-se, lado a lado, *Sophronitis coccinea* em vasos de 3cm e imensos vasos de *Cymbidium*, de 30cm, que fazem desaparecer os primeiros! A desordem é de tal monta que o público fica atônito e não consegue apreciar devidamente as flores apresentadas! Não há exposição, mas desordem visual.

Em segundo lugar, operou-se, virtualmente, um milagre, visto que a tradição e o segredo de bem julgar flores e sobre tudo bem organizar as plantas nos "stands", ficaram com as antigas gerações, não passando para as atuais. Foi no exterior que se foram buscar novas bases de oxigenação dos conceitos de julgamento!

Na Expointer, nos moldes em que

Rua Uruguai, 508/102
Tijuca — RJ — CEP 20.510

já se vinha realizando, recentemente, no Rio de Janeiro, e se faz maciçamente em todas as exposições de orquídeas do mundo, as flores foram distribuídas em grandes setores ou arranjos globalizados, que produziram grande impacto de beleza.

Seria difícil falar de todos os "stands" sem cometer algumas injustiças. Os orquidários comerciais se esmeraram em produzir belas mostras com requinte. Havia, porém, um "stand" que despertava a atenção. Era o do Grupo de Joinville. Montadas sobre um carro de boi e outro de mão, colocados sobre placas de grama, havia um mundo de purpuratas. Todas lindas!

Arrematavam o conjunto vasos de samambaia e renda portuguesa, que davam especial graça e sensação de unidade ao ambiente. Além da beleza, sua maior virtude era o *espírito* ou a *alma* com que foi montado o "stand". Os casais que decoraram o conjunto

não tinham qualquer interesse comercial em venda de plantas, mas fizeram o que poucas entidades conseguiram ou conseguem: fazer sobressair, no conjunto, a sua cidade, e, sobretudo, a sua sociedade!

O planejamento para a Expointer começou quase um ano antes de sua realização, o que evitou imprevistos e permitiu que, ao lado da mostra, tivéssemos palestras de especialistas, sendo o julgamento feito pelos juízes credenciados da AOS!

Em matéria de beleza, a Expointer foi um "show" especial, não apenas pela quantidade de flores, mas, sobretudo, por sua qualidade e variedade. Os *Phalaenopsis* de Hasegawa e Takenashi, os *Dendrobiums* de Nagase e Nakashima e as *Asconcondas* de Hsu Yet Hsing davam o toque de plantas orientais, enquanto uma abundante floração de *Laelias purpurata* garantia a beleza das plantas genuinamente nacionais.



Bifrenaria thyriantina

Cultivo: Hiroshi Saito e Foto: Alvaro Pessoa

Nossas Orquídeas Menores.

O gênero *Dichaera* Lindl.

2.^a parte

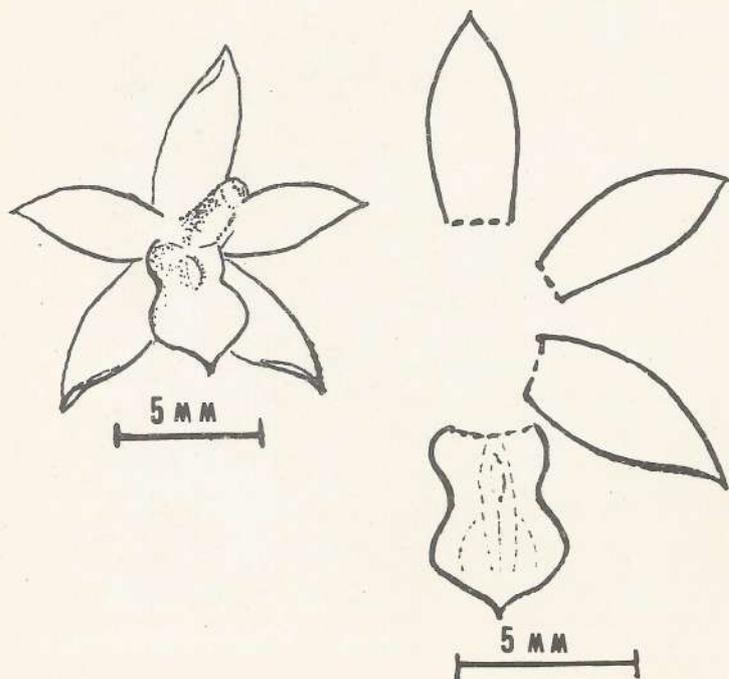
Augusto Fernandes Neves

D. cogniauxiana, Schltr., in Anexos das Mem. Inst. Butantã, Bot. vol. I, fase IV (1922).

Segundo F. C. Hoehne, "Ind. Bibl. e Numérico Pl. Col. Comissão Rondon", pág. 170, 1955; planta coletada por João Geraldo Kuhlman, às margens do Rio Tapajós. (*D. graminoides* Cogn. non Lindl.)

Esta planta é citada para Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, S. Catarina e Rio Grande do Sul. Ocorre ainda na Argentina (Território das Missões).

Possui caules simples ou ramificados, de folhas caducas, não articuladas. Labelo de base estreita, mais ou menos longa. Sépalos maiores que os pétalos.



DICHAEA GRAMINOIDES
(SW) LINDL.

D. cornuta Sp Moore

Ocorre na região amazônica, notadamente no Amazonas, Pará, Amapá e Mato Grosso. Acreditamos que, apesar de não citado, a mesma possa ocorrer igualmente em Rondônia.

Caules por vezes muito ramificados; folhas caducas, imbricadas, dísticas e articuladas: sépalos e pétalos oblongo-lanceolados, estreitos junto ao ápice, acuto-arredondados, Labelo de formato anquiróideo-cornuto.

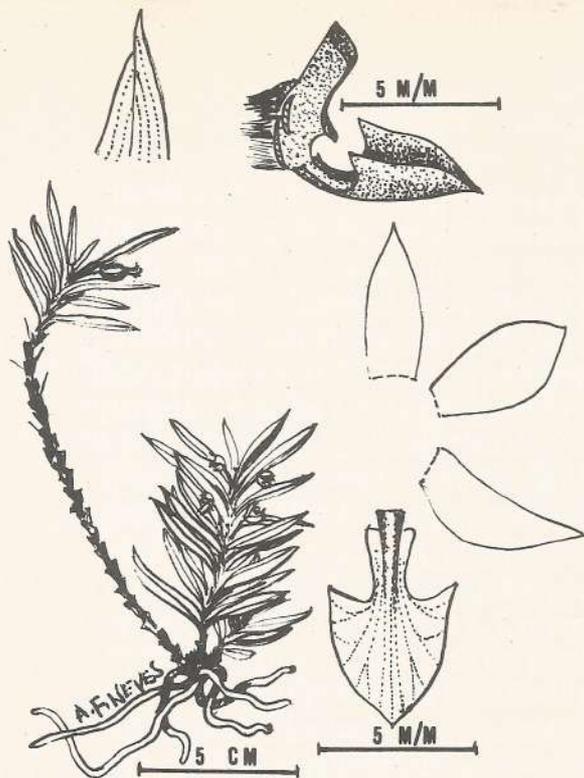
D. hookeri Garay & Sweet

Espécie citada para o Pará e Amapá.

Caules raramente ramificados; folhas dísticas, caducas, articuladas, imbricadas; Sépalos oblongo-lanceolados, agudos, levemente recurvos; pétalos ovoídeos, acuminados, algo menores que os sépalos; labelo de base estreita, ligeiramente anquiróide.

D. panamensis Lindl; Gen. and Sp. Orch. Pl. 209.1833; *Epithecia panamensis* (Lindl.) Schltr; Orchis, 9:25. 1915; *Dichaeopsis panamensis* (Lindl.) Schltr; Beih. Bot. Centralbl. 36, 2: 519. 1918.

Plantas epífitas, de pequenas a medianas, densamente cespitosas. Caules raramente ramificados, ligeiramente compridos, eretos até ereto-patentes, retos, por vezes encurvados ou flexuosos, uns 3,5-20cm de compr; inteiramente revestidos de folhas embainhadas. Folhas dísticas, membranáceas, numerosas; limbos 5-10mm, distanciados entre sí, ereto patentes até patentes, articulados com suas

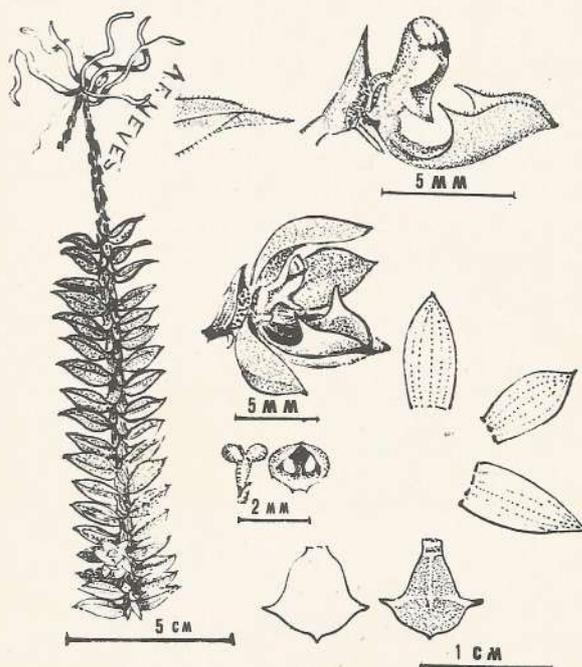


bainhas, caducas quando mais velhas, lineares até linear-oblongos ou raramente oblongos, agudos ou apiculados, uns 1,5-4,5cm de comprimento e 2,5-5mm de largura, apresentando em geral limbos curtos intercalando outros mais compridos. Inflorescências unifloras, axilares das bainhas superiores, em geral mais curtas que as folhas (uns 2-2,5cm de compr.); pedúnculo filiforme e flexuoso. Flores medianas ou pequenas para o gênero, esverdeadas, amareladas ou esbranquiçadas, freqüentemente marchetadas de púrpura coloração ou roxo escuro. Ovário pedicelado, curto glabro. Brácteas suborbiculares, apiculadas, cuculadas, uns 1,4-2mm. de compr. Bracteolas eretas, linear-lanceoladas, agudas, tão compridas quanto as brácteas. Sépalos laterais patente-recurvos, levemente côncavos na metade basal; sépalo dorsal triangular-lanceolado, oval-lanceolado até elíptico-lanceolado, agudo até acuminado, 4-8mm de compr. e 1,9-2,8mm de largura; pétalos largamente ovalado-elípticos, oblíquos, agudos e algo mais curtos que o sépalo dorsal, com 2,5-4mm de largura. Labelo anquiroides, unguiculado, uns 5,5-10mm de comprimento e uns 4-7mm de largura entre os braços laterais; unha carnossa, largamente oblonga, por vezes

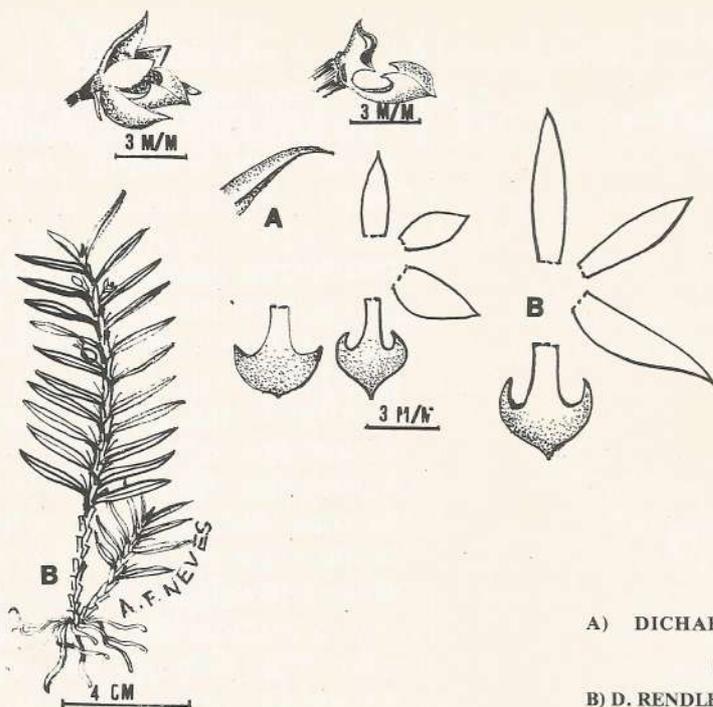
engrossada junto à base; lâmina sagitado-ovalada, algo recurvada, largamente obtusa até aguda ou curtamente apiculada, uns 3,5-6,5mm de compr.; braços laterais 0,5-1 (raramente até 2) mm. de compr; triangulares até estreitamente triangulares, retorsos. Columna carnosa, uns 3-5mm de compr.; ligula infrastigmática pequena, glabra, recurvada ou pêndula. Cápsulas elipsóideas, glabras, uns 10mm de comprimento. Algo semelhante à *Dichaea graminoides* (Sw) Lindl; da qual diferencia-se pelo labelo anquiroides e sagitado. (*) Possui uma vasta dispersão geográfica. É encontrada desde o México e toda a América Central (Panamá — tipo) até o Brasil, onde é nativo do Amazonas, Pará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas No Peru, Colômbia e Venezuela esta espécie ocorre com muita freqüência. Na Venezuela ela aparece sempre em altitudes que vão dos 200 metros (Selvas de San Camilo) até os 600 metros (Cerro Sipapo), na região amazônica venezuelana.

D. rendlei Gleason, Bull. Torr. Bot. Cl. 54: 604. 1927; (*D. trinitensis* Gleason)

No Brasil esta espécie ocorre no Pará e no Amapá. Sua dispersão atin-



DICHAEA KEGELII RCHB.



A) *DICHAEA RENDLEI* var.
TRINITENSIS
(GLEASON) FOLDATS

B) *D. RENDLEI* GLEASON

ge as Guianas; Trinidad, Antilhas e Venezuela. A planta tipo foi citada para as Guianas. Segundo Foldats, in *Flora de Venezuela*, Vol. XV, quinta parte, pág. 472. 1970; *Dichaea rendlei* Gleason var. *trinitensis* (Gleason) Foldats, diferencia-se de *D. rendlei* Gleason (Vide descrição seguinte)

Plantas epífitas, medianas, cespitosas, Caules eretos até pêndulos, simples ou ramificados, uns 5-17cm de compr; inteiramente revestidos por bainhas foliares. Folhas subcoriáceas, numerosas, dísticas; limbos articulados com suas bainhas, os mais velhos caducos, lineares ou linear-oblongos, subagudos, uns 15-30mm de comprimento e 1,5-3mm de largura, nervuração lateral bem distinta, 12 em média por limbo, o mediano prolongado numa curta arista. Inflorescências unifloras, axilares a partir das bainhas superiores, menores que as folhas; pedúnculo filiforme. Flores pequenas para o gênero, brancas ou com os sépalos e pétalos esverdeados. Coluna com ápice arroxeado. Ovário pedicelado, glabro, uns 2,5mm de compr. Brácteas ovato-suborbiculares, cuculadas, uns 2,1mm de comprimento. Bracteolas lineares, atenuadas ou atenuado-aguçadas, uns 1,8mm de compr. Sépalo dorsal ovato-lanceolado até ovalado, agudo até cur-

tamente acuminado, uns 4-6,5mm de compr. e 1,5-2,2mm de largura. Sépalos laterais idênticos ao sépalo dorsal, oblíquos, tão compridos ou ligeiramente mais compridos que este e 1,5-2,6mm de largura. Pétalos elípticos, elíptico-obovados, elíptico-lanceolados ou largamente lanceolados. Labelo anquiróide, unguiculado e algo sagitado em sua metade apical, agudo até curtamente apiculado, uns 3,8-5,6mm de compr. e entre os ápices dos lobos laterais, 3,4-5,3mm de largura; unha deltóideia, lobos laterais triangulares ou triangular-falcados, retorsos, uns 0,7-1,6mm de comprimento. Cápsulas glabras, elipsóideas, uns 7mm de comprimento.

D. rendlei Gleason Var. *trinitensis* (Gleason) Foldats, *Acta Biolog Ven.* 2, 31: 404. 1959; *Isochilus graminoides* Hook, *Exot. Fl.* 3: t. 196. 1826-27. (excl. sinon., non Lindl.); *Dichaea trinitensis* Gleason, *Bull. Torr. Bot. Cl.* 54: 605, 1927.

Plantas epífitas, cespitosas e medianas. Caules eretos até pêndulos, uns 4-18cm de compr., retos até encurvados, revestidos de numerosas bainhas foliares. Folhas membráceas (segundo o material do herbário) dísticas; limbos com 9-11mm distanciados entre si, articulados com suas bainhas (os mais

velhos, caducos), oblongos até oblongo-elípticos, agudos, uns 12-32mm de comprimento e 3-8mm de largura, nervuração lateral bem distinta, e mais de 12 em cada folha, o nervo mediano prolongado numa arista curta. Inflorescências unifloras, axilares das bainhas superiores, mais curtas do que as folhas; pedúnculo delgado. Flores pequenas, sépalos e pétalos translúcidos, de coloração verde-pálida, labelo branco. Ovário pedicelado glabro, com uns 1,5mm de comprimento. Brácteas membranáceas, orbicular-ovaladas, apiculado-acuminadas, cuculadas, uns 2-3mm de comprimento. Bracteolas estreitamente lanceoladas até ovalo-lanceoladas, atenuado-aguçadas no ápice, tão longas quanto as brácteas. Sépalos lanceolados até ovalados, agudos até acuminados, côncavos; sépalos dorsal com 4,2-7mm de compr. e 1,6-2,3mm de largura; sépalos laterais oblíquos, com uns 4,7-7,5mm de compr. e 1,8-3mm de largura. Pétalos algo semelhantes ao sépalo dorsal e quase do mesmo tamanho. Labelo unguiculado, anquiróide, arredondado no ápice, ligeiramente emarginado, agudo ou inconspicuamente apiculado, uns 4-5,3mm de compr. e 4,2-5mm entre os ápices dos lobos laterais; unha deltóideia, uns 2,5-2,8mm de comprimento e largura de igual tamanho em média. Coluna com 2mm de compr. Cápsulas elipsóideas, glabras, com uns 8mm de comprimento.

Esta variedade ocorre nas Índias Ocidentais (Jamaica — tipo) e na Venezuela (Cerro Guaiquinima — 800msm).

D. tenuis C. Schweinf.

Plantas epífitas; folhas articuladas, caducas (entre as folhas mais velhas), ovário glabro, labelo estreito para a base.

A forma do labelo foge à característica anquiróide muito em comum nas espécies desta Alliance. Sépalos e pétalos elíptico-lanceolados até lanceolados, raramente ovalo-lanceolados.

Ocorre no Acre, Amazonas, Rondônia, Peru.

D. weigeltii Rchb.f.

Esta espécie possui folhas articuladas, não persistentes. Ovário glabro.

Não temos maiores detalhes a ela relacionados. É nativa do Suriname e do Amazonas.

D. coriacea ALLIANCE

Folhas caducas, articuladas quando novas; ovário glabro; labelo sés-sil, de base muito larga.

D. anchoraelabia C. Schweinf.

Esta espécie ocorre na Venezuela e no Peru (região amazônica); ocorre igualmente na amazônia brasileira.

A denominação dada a esta espécie corresponde à forma de seu labelo, embora a forma anquiróide do mesmo seja menos pronunciada que os de outras espécies.

Não temos a descrição desta espécie.

D. australis Cogn.

Esta espécie ocorre ao longo do litoral de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Material recebido da região de Torres (RS) em muito se assemelha ao coletado na região da Barra do Una (Juréa).

D. coriacea Rodr. in Orch. Nov. II (1881), pág. 181.

Esta espécie, que dá denominação à presente Alliance, nada mais é que uma sinonímia da espécie precedente (Cogn. in Flor. Bras. III, VI (1906) pág. 498.

Hoehne em muitos de seus trabalhos era de parecer que as duas nada mais eram de que uma única espécie, com ligeiras diferenciações regionais ocorridas ao longo do nosso litoral sul. O mesmo encontramos nos apontamentos de Barbosa Rodrigues e de Hatschbach.

D. matogrossensis Brade

Esta espécie é citada para Mato Grosso.

Possui folhas articuladas, imbricadas, caducas quando secas. Inflorescências unifloras, axilares. Pétalos e sépalos ovalados até elípticos, agudos no ápice. Labelo sés-sil.

O Gênero Phalaenopsis

Roberto Agnes*



Phalaenopsis amabilis

Cultivo: Creole Orchids

As flores do gênero *Phalaenopsis* estão entre as mais elegantes orquídeas e é impossível não nos impressionarmos com uma planta bem florida. Comparadas às espécies, surpreende ver até que ponto os híbridos se desenvolveram. A gama de cores é quase ilimitada e as flores, individualmente, alcançaram um tamanho que, antes, não se pensava possível conseguir.

Nesta série de artigos sobre *Phalaenopsis* vamos dedicar o primeiro a algumas das mais importantes espécies, as usadas em hibridação. Nos subseqüentes falaremos sobre alguns dos híbridos e veremos a grande variedade que já existe.

O gênero *Phalaenopsis* foi estabelecido em 1825 por C. L. Blume e compreende, aproximadamente, 60 espécies. O nome *Phalaenopsis* vem do grego *phalina* (mariposa) e *opsis* (aparência) — que se refere à delicada forma de mariposa que têm as flores brancas, de algumas espécies. As espécies deste gênero são endêmicas no sudeste da Ásia, na Indonésia, Filipinas e noroeste da Austrália.

O gênero tem sido revisado em várias ocasiões e o tratamento dado por Hawkes e Sweet parece ser mais completo. O gênero é dividido em cinco seções, sendo elas:

- 1) seção *Phalaenopsis* — as flores têm pétalas largas e o labelo tem um par de projeções em forma de antenas no ápice. Inclui *P. amabilis*, *P. schilleriana* e *P. stuartiana*.
- 2) seção *Polychilos* — as flores são

* Travessa Pepe, 98/201 — Botafogo — CEP 22.290 — Rio de Janeiro.

carnudas, as pétalas e as sépalas são similares em tamanho e o labelo têm o ápice em forma de âncora. Inclui *P. cornu-cervi* e *P. mannii*.

- 3) seção *Stauroglottis* — as flores têm pétalas e sépalas estreitas e o labelo é trilobado. Inclui *P. equestris* e *P. lindenii*.
- 4) seção *Amboinensis* — as flores são redondas com largas pétalas, o labelo tem um lóbulo carnudo com uma saliência fina central. Inclui *P. gigantea*.
- 5) seção *Zebrinae* — esta é a maior das seções e as flores têm a forma de estrela com pétalas e sépalas estreitas. Inclui *P. fasciata*, *P. lueddemanniana*, *P. mariae* e *P. violacea*.

Como só algumas espécies contribuíram para a criação dos híbridos, preferi tratar dessas, em vez de observar seqüência que considerasse, com rigor, as várias seções.

O *Phalaenopsis amabilis* foi originalmente descrito em 1750 por G. E. Rumph como *Angraecum album majus*. Foi transferido para o gênero *Phalaenopsis* em 1825, e a espécie é considerada tipo do gênero.

A distribuição dessas plantas vai da Austrália, através da Indonésia, até as Filipinas. A importância desta espécie na geração de híbridos brancos não pode ser subestimada sendo impossível encontrar algum híbrido branco que não tenha *P. amabilis* na sua ascendência. As plantas desta espécie tendem a ser bem grandes, com folhas de até 50cm de comprimento e não é incomum que produza inflorescências de até um metro de comprimento. As flores variam em tamanho, *P. amabilis* produz flores que medem até 7.5cm de diâmetro e no *P. amabilis* var. *grandiflora* elas medem até 10.5cm de largura. As pétalas e sépalas são de um branco leitoso, com um pálido sopro rosa nas costas e o labelo é branco com margens amarelas. As flores desta espécie são duradouras e perfumadas, vantagem adicional, quando usado para hibridação.

Phalaenopsis lueddemanniana é encontrado nas Filipinas e foi introduzido no cultivo em 1865 por Lueddemann, sendo descrita por H. G. Reichenbach. As plantas variam de tamanho com folhas que vão de 15 a 30cm de comprimento. A inflorescência,

que mede até 50cm de comprimento, dificilmente fica ereta, freqüentemente estando numa posição semipendular. As flores medem até 6cm de largura e têm uma consistência cerosa. As pétalas e sépalas são carnosas e variam, na cor, do branco ao rosa-pálido, cobertas com barras marcantes magenta/rosa. O labelo é carmim com amarelo na base e a coluna é roxa.

P. lueddemanniana é uma das espécies mais coloridas do gênero e contribuiu consideravelmente para a criação de novos tipos de flores. Cruzando-se a progênie dessa espécie com flores grandes e redondas, flores de tamanho intermediário com interessantes combinações de cor e desenhos foram conseguidas. Existem duas variedades dessa espécie, *P. lueddemanniana* var. *delicata* tem pétalas e sépalas que são marcadas com barras ocres e *P. lueddemanniana* var. *ochracea* que tem barras ocres sobre um fundo amarelo pálido.

Espécie aparentadas proximamente incluem *P. fasciata*, que tem sido confundido freqüentemente com *P. lueddemanniana* e *P. pulchra* que tem pétalas e sépalas de uma intensa cor rosa escuro/magenta.

Phalaenopsis schilleriana é endêmica nas Filipinas e é talvez o mais florífero de todas as espécies de *Phalaenopsis*. A espécie foi descrita por H. G. Reichenbach em 1860, que, com o nome dado, homenageou o cônsul Schiller que a introduziu no cultivo em 1858. As plantas são bastante grandes, com folhas que medem até 50cm de comprimento e a característica impressionante desta planta é a inflorescência ramificada que produz de poucas até 250 flores de \pm 7cm de diâmetro. O efeito é o de uma cascata de delicadas flores rosas que são bastante perfumadas. Um traço indesejável é a textura fina das flores que tende a ser transmitido à progênie e às vezes pode ser notada na falta de substância em alguns dos modernos híbridos rosas. As flores dessa espécie variam do cor-de-rosa pálido, que se descora para branco nas margens, ao rosa bem saturado. As sépalas laterais são geralmente pintadas de roxo perto da base e o labelo varia de cor do branco ao roxo escuro.

Phalaenopsis schilleriana tem sido

usado amplamente em cruzamentos e figura na ascendência da maioria dos híbridos rosas. Alguns dos híbridos mais antigos podem ser reconhecidos por suas inflorescências ramificadas e flores perfumadas, os híbridos mais modernos tendem a produzir inflorescências mais curtas com menos flores. Recentemente, tem-se observado um retorno ao uso de *P. schilleriana* como matriz, mediante cruza com híbridos de flores grandes e, com isso, espera-se conseguir plantas com inflorescências ramificadas e com flores de bom formato, que sejam perfumadas, o que é muito apreciado entre cultivadores, principalmente do Oriente.

Phalaenopsis stuartiana tem sido a espécie que está na origem dos híbridos de *Phalaenopsis* que causaram maior impacto nos dez últimos anos. *P. stuartiana* é nativa das Filipinas e foi descrita por H. G. Reichenbach, sendo assim chamada em homenagem ao famoso cultivador e orquidófilo, Sr. Stuart Low. Existe alguma confusão quanto a sua correta identificação devido a sua similaridade com *P. schilleriana*, embora já esteja provado serem espécies distintas. As plantas produzem folhas verdes marcadas de cinza-prateado, que medem até 35cm de comprimento. Como no *P. schilleriana* a inflorescência tende a ser ramificada e produz muitas flores, não sendo incomum ver-se mais de 40 flores numa inflorescência. A flor que mede até 6cm de diâmetro é extremamente variável em cor. As pétalas e sépalas vão do branco até amarelo pálido e são salpicadas com pintas roxas e canela. Em algumas plantas as pintas são quase ausentes e, em outras, bastante proeminentes. Para fins de cruzamento, quanto mais pintas proeminentes tenham, melhores as chances de que essa característica se transmita à progênie. O labelo é branco e em muitos casos bastante pintado perto da base. Essa espécie tem sido autofecundada muitas vezes na esperança de criar plantas com flores fortemente pintadas e hoje em dia existem plantas cujas flores são quase inteiramente cobertas de pintas roxas.

Muitos híbridos têm sido feitos usando esta espécie, especialmente com os híbridos brancos e rosas de flo-

res grandes. A firma francesa Vacherot & Lecoufle tomou liderança neste tipo de híbrido e produziu muitas plantas com grandes flores brancas fortemente pintadas de roxo. O efeito é admirável e as plantas bastante procuradas.

Phalaenopsis violacea é endêmico de Borneu e Malásia e é encontrado em baixas altitudes em áreas de sombra perto de rios. A espécie foi descrita em 1860 por Witte e desde então sempre tem sido uma planta bastante procurada por apreciadores de *Phalaenopsis*. As plantas produzem largas folhas com consistência de couro que medem até 25cm de comprimento e tendem a ser de um brilhante verde escuro. A inflorescência é bem curta e as flores são produzidas em sucessão com apenas uma ou duas flores abertas ao mesmo tempo. Normalmente as plantas produzem mais de uma inflorescência e as flores são de substância pesada, medindo entre 5 e 8cm de diâmetro. As pétalas e sépalas são verde pálido se tornando verdes escuro nos ápices. As sépalas laterais têm um sopro de violeta na metade de dentro, o labelo e a coluna são violetas.

As plantas, com origem na Malásia, tendem a ser menores do que aquelas de Borneu e as marcas tendem a ser diferentes também. O sopro violáceo é mais definido nas de Borneu e as sépalas tendem a se curvar para dentro enquanto na Malásia produz flores mais estreladas onde o sopro de violeta não é tão definido, tendendo, ainda, as flores a serem de cor mais pálida. Existem algumas variedades de cor no *P. violacea*, sendo o mais famoso o *P. violacea* var. *alba* que tem flores brancas com um pouco de verde. *P. violacea* var. *coerulea* tem marcas azul-acinzentadas no lugar do violeta e esta planta, esperamos, permitirá o primeiro passo para criação de *Phalaenopsis* azul. Existem algumas formas de *P. violacea* que são inteiramente cobertas por um sopro magenta/violeta, que são bastante cobiçadas para cruzamentos.

Os primeiros híbridos registrados com *P. violacea* foram recebidos com grande entusiasmo porque, embora as hastes tendessem a ser mais curtas, as flores tinham uma substância mais



Phalaenopsis violacea

Cultivo: R. Brown

consistente com desenhos interessantes e cores bonitas. Os pontos negativos eram o pequeno número de flores e a tendência dessas flores de abrirem em sucessão. Esforços têm sido dispendidos para superar esses pontos e os resultados têm sido bons. Foi notado que o *P. violacea* intensifica a cor de sua progênie e faz com que as marcas e os desenhos se espalhem por quase toda flor.

Por cuidadosos cruzamentos com esta espécie, conseguiu-se produzir vermelhos excelentes e embora as flores sejam pequenas, os primeiros passos na criação de grandes flores vermelhas já estão sendo dados.

Naturalmente muitas outras espécies tiveram um papel chave na produção de híbridos. Espécies como *P. cornucervi*, *P. fasciata* e *P. hieroglyphica*, contribuíram significativamente em relação aos híbridos amarelos. Atualmente uma das grandes sensações é *P. venosa*. Descobriu-se que quando essa espécie de flor pequena e de cor amarelo/marrom é cruzada com brancos, o resultado é, geralmente, flores de um amarelo claro. Um problema com os amarelos é que eles tendem a descorar com o tempo, todavia, o inverso parece acontecer com os

Phalaenopsis gigantea-

Cultivo: L. Park

Foto: E. Boyett Jr.



híbridos de *P. venosa*; a cor tende a se intensificar com o tempo, o que abre um novo programa de cruzamentos para amarelos.

P. micholitzii com seu interessante labelo parece ser a chave para os híbridos verdes, uma cor ainda rara e muito procurada entre os *Phalaenopsis*.

P. equestris, *P. lindenii* e *P. lowii* têm sido instrumental para a criação de *Phalaenopsis* miniatura e esses híbridos estão conquistando mais espaço nos orquidários graças a suas pequenas plantas e muitas flores graciosas.

Por último, mas não menos importante, uma menção deve ser feita à espécie de Borneu, *P. gigantea*. Esse gigante produz folhas de até 70cm de comprimento e 20cm de largura. A in-

florescência pendular mede até 50cm, produz flores em sucessão e, se não perturbada, continuará a florir por mais de 1 ano. Esta espécie está quase extinta no seu habitat natural e existe um grande esforço para propagá-la artificialmente. O esforço tem compensado e não só pela beleza da espécie, mas, também, porque seus híbridos prometem muito. As flores tendem a ter uma boa forma, têm longa duração e os desenhos são bem variados.

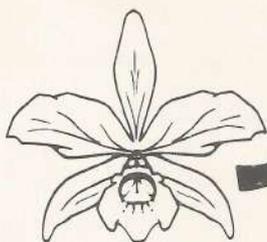
No próximo artigo devemos começar uma viagem através do vasto mundo dos híbridos de *Phalaenopsis*, que vão de plantas compactas com uma profusão de flores pequenas a enormes gigantes brancos, com flores que medem até 14cm de diâmetro.

FLORABELA

— ORQUÍDEAS Nativas do Estado do ESPÍRITO SANTO

ÉRICO DE FREITAS MACHADO

CAIXA POSTAL 841 - CEP 29.001 - VITÓRIA - ES



ARANDA

Espécies Brasileiras - Híbridos - Paphilopedilums
VISITE NOSSAS ESTUFAS

Aranda - Plantas, Pesquisa e Comércio Ltda.
Estrada do Quebra Frascos S/Nº - Teresópolis - RJ
Tel.: 240-5609

Semeadura de Orquídeas, Sem Uso de Capela

*Raimundo Mesquita**
*William B. Sweet***

1 — Escolha dos frascos

Devem ser de vidro transparente com tampa, rosqueada, de metal (de geléia, maionese, refrigerantes, estes descartáveis, de 250ml).



Frasco já preparado, mostrando-se tampa já perfurada, diafragma de borracha e tampa já com esparadrapo.

2 — Preparo da tampa

Fazer um pequeno furo na tampa de metal, um pouco maior do que o calibre do canhão de uma agulha de injeção, de metal, para uso veterinário.

Colocar no interior da tampa perfurada um tampo de borracha fina, com o diâmetro da boca do frasco (por ex. de câmara de ar de pneu).

3 — Esterilização do frasco

Deve ser esterilizado duas vezes, em panela de pressão ou em autoclave, a 120 graus ou uma atmosfera. A primeira vez, com água, destilada ou filtrada (que poderá ter uma parte aproveitada, depois, na esterilização das

sementes ou da cápsula, se se usa fruto imaturo, como, também, na semeadura). A segunda vez, na segunda esterilização do frasco, já com o meio de cultura (gelosia).

ATENÇÃO — Quando for levar os frascos ao fogo, para pressão, não atarraxe, totalmente a tampa. Isso só deve ser feito após a retirada dos frascos da panela de pressão, na segunda esterilização já com o meio de cultura.

Antes de levar o frasco à panela recubra o orifício da tampa com um pedaço de esparadrapo, do tamanho suficiente para lhe permitir escrever o nº do código de sua semeadura, ou o nome da planta, ou cruza, semeada.

Coloque, também, uma tampa de proteção de papel de alumínio, com a parte mais brilhante voltada para a tampa do frasco.

4 — Preparação das sementes maduras

Com a semente, você irá fazer a esterilização dentro de uma seringa hipodérmica, de vidro (deve ser, também, previamente esterilizada em panela de pressão, nas mesmas condições em que os frascos de cultura e, também, envolvida em papel de alumínio, assim como as agulhas de esterilizar e de semear, com o mesmo tempo de pressão: 20 minutos).

Instrumentos — Uma seringa hipodérmica de 10cc e de duas agulhas de aço, uma comum, de uso médico, para esterilização da semente e lavagem da solução esterilizante, outra, de uso veterinário, para a semeadura (a razão é que, tendo o cano mais grosso, não entope com as sementes). Para traba-

* Rua Dona Mariana, 73/902 — Botafogo — 22.280 — Rio de Janeiro — RJ

** Av. Franklin Roosevelt, 126/806 — Centro — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ



Capsula imatura já cortada e cálice contendo álcool, isopropílico, para esterilização dos instrumentos: seringa de vidro, estilete para corte e espátula.

lhar com semente este é o único instrumento de que se precisa.

Esterilização de sementes maduras — Solução esterilizadora. Muitas são usadas: Milton, água sanitária, hipoclorito etc. Eu uso solução de cloreto de cal na seguinte dosagem: 10g x 140ml de água (iniciar com alguns pingos, para evitar que empedre, e ir acrescentando a água, em seguida mexer bem, com colher ou espátula de material inoxidável, plástico, osso ou madeira). Quando a solução estiver leitosa e quase sem resíduos sólidos está pronta para ser coada, em filtro de papel.

Limpeza das sementes — Com a agulha fina na seringa (colocar um pouco de algodão no encaixe da agulha, para evitar perda de semente na troca que se vai fazer, depois, de solução por água, para enxaguar as sementes) e já tendo posto, na seringa, uma pequena quantidade de sementes, você enche com a solução, bem devagar. Feito isso, repare se as sementes mudam de cor, o que, via de regra, é sinal de que estão viáveis para semente, e em seguida vá agitando durante 15 minutos (há quem faça até 25). Depois, esgote o mais lentamente possível, para evitar que as sementes se rompam (caso encontre resistência, não force, aspire um pouco e volte à pressão, lenta, sobre o êmbolo da seringa). Feito isso e esgotada toda a solução, reencha a seringa com água, pré-autoclavada, e agite por 10 minutos, para retirar o excesso de solução esterilizante. Esgote e reencha com água, pois está pronto para semear.



Colocação de algodão na agulha para evitar perda de sementes no esgotamento e substituição da solução esterilizante.



Colocando sementes na seringa para esterilização.

Cápsulas imaturas — Com cápsula imatura você não precisa esterilizar



Enchendo a seringa com solução de cloreto de cal.

as sementes, mas só a cápsula, que será cortada dentro de prato de petri ou similar, com instrumento esterilizado (deixe-o mergulhado em álcool absoluto, ou flambe — chama de álcool, por exemplo). Com uma espátula, você recolhe uma pequena quantidade de sementes e a coloca num recipiente, já preparado com água destilada, nele autoclavada e coberto com papel laminado (faça isto o mais rápido possível, para evitar contaminação). Deixe descansar por instantes, pois, geralmente, as sementes mais férteis são as que afundam. Procure usar um recipiente raso, para permitir que a agulha vá o mais fundo possível e com a agulha veterinária esterilizada (uma passada na chama de álcool diminui o risco de contaminação) perfure o papel de alumínio, com que deve ter coberto o recipiente, na autoclavagem, e encha a seringa. Está pronto para semear.

5 — Meio de cultura, composição e preparo

Além da clássica fórmula de Knudson, que tem sofrido modificações, e que é complicada de preparar, já que exige pesagens de valores ínfimos, com grande precisão, existem alguns meios de cultura, bem mais simples de preparar e com resultados muito satisfatórios, para amadores que, como eu, querem apenas produzir um pequeno número de plantas.

As receitas mais simples e mais usualmente aplicadas, são as seguintes:

- a) *Banana*, d'água ou nanica, madura e sadia: 100g. Fazer uma pasta e coar em peneira.
Agar-agar — 12g.
Açúcar refinado de boa qualidade — 15g.
4 comprimidos de Benerva de 300mg.
900ml de água destilada ou esterilizada.
- b) *Tomate* — 250g de tomates maduros e sadios em pasta, coando 2 vezes com peneira fina. As demais dosagens e ingredientes são iguais.
- c) *Abacaxi* — 200ml de suco natural de abacaxi, bem doce, maduro e sadio (o conhecido como pérola é o melhor). As demais dosagens e in-

gredientes são iguais, menos a água que entra com 800ml.

Preparo — Misturar o agar-agar e o açúcar, antes de levar ao fogo, para evitar que empedre. Em panela ágata ou jarra de vidro refratário de, pelo menos, um litro, adicionar os demais ingredientes e pôr a ferver em fogo brando, mexendo com colher ou espátula de madeira. Quando o agar estiver completamente dissolvido, o que se nota pela transparência, está pronto o meio para os frascos. Usar funil de vidro ou ágata, para evitar que nas paredes do vidro recipiente fiquem resíduos do meio de cultura. Cerca de 1cm, de meio de cultura, no fundo do frasco, é suficiente para cada frasco. Tampar o frasco, como descrito, e levar à panela de pressão. Após isso deixar descansar e esfriar em lugar plano, por algumas horas, antes de semear.

Medição do ph — Ph você sabe o que é, potencial de hidrogênio. Há que medi-lo porque há plantas que preferem meio ligeiramente mais ácido, outras neutro, algumas, como *Phalaenopsis*, mais alcalino. O tomate dá o ph certo, sem necessidade de medir, para *Cattleyas*, *Laelias* etc. Banana e abacaxi não são tão precisos, a primeira tende para alcalina e o abacaxi para acidez, às vezes inaceitável. Para amadores, o papel de medir ph, embora sem grande precisão, é o suficiente. A mensuração do ph é feita numa escala de 0 a 14, sendo 7 a medida neutra, acima disto a solução é alcalina, abaixo é ácida. A faixa de 5 a 6 é a ideal para as sementes que germinam melhor no meio ligeiramente ácido (*Cattleya* etc.). Para aumentar a acidez, gotas de limão resolvem. Para alcalinizar pingos de solução (10 x 1.000) de hidróxido de sódio.

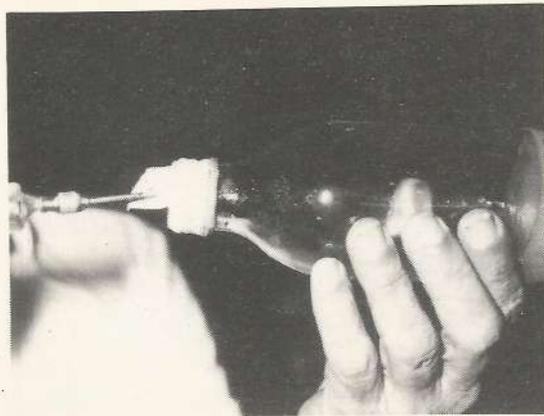
Mede-se o ph, com o meio de cultura quente, antes de derramá-lo nos frascos.

6 — Semeadura

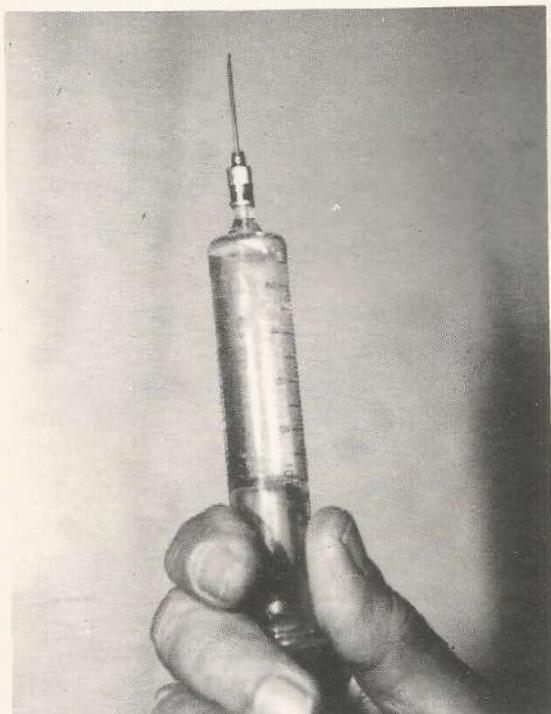
Você está com a seringa cheia com água esterilizada e sementes. Levante a sobretampa de papel de alumínio e, também, um dos lados do esparadrapo que protege o orifício na tampa de metal, só o bastante para descobrir o



Seringa já com água esterilizada, para lavar as sementes depois da esterilização.



Iniciando a sementeira, já com agulha de calibre mais grosso.



Seringa já pronta para semear.



*Flambagem antes de perfurar a tampa para se-
meio.*

orifício (isso lhe permitirá recobrir rapidamente, se você for semear mais de um frasco, mas, não esqueça, quando for semear outro frasco, passe, antes, a agulha na chama). Perfure o tampão de borracha com a agulha, lentamen-

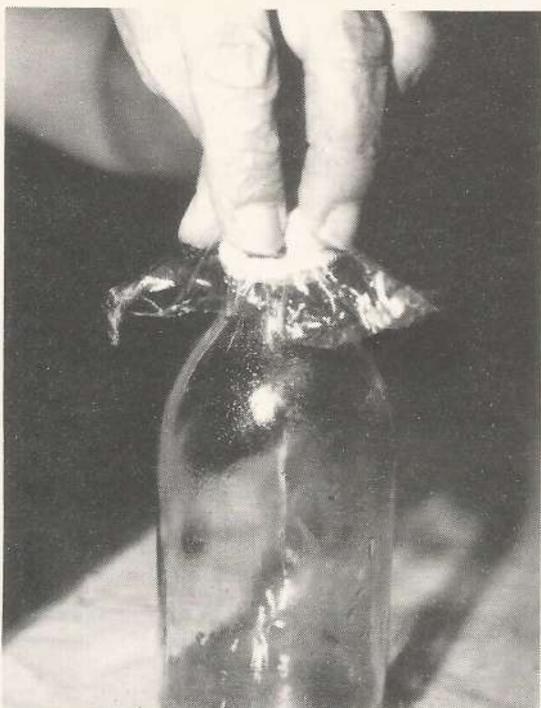
te e sem pressionar o êmbolo, para evitar que pinguem água e sementes em excesso. Quando notar que a agulha penetrou no frasco, então, o mais lentamente que você puder, deixe cair, no máximo, dois ou três pingos, pois não deve esquecer que, em cada pingo, vão dezenas de sementes e, se caem muitos pingos, você terá dois graves problemas: muita água cobrindo a gelosia, o que poderá impedir a germinação e dificultar que as sementes assentem firmes sobre a gelosia, ou, se germinarem todas, você terá plantas em excesso disputando os nutrientes e, neste caso, você teria que repicar, o que, para quem não tem prática, câmara ou ca-



Frasco já semeado, sendo selado.

pela estéreis, é certeza de ter perdido tudo que semeou.

Feita a sementeira, retire, o mais rápido possível, a seringa com a agulha, retorne o esparadrapo, escreva a identificação e reponha a sobretampa de papel laminado. Pronto, você semeou. Agora faça alguns movimentos giratórios para espalhar as sementes, mas sem exagerar.

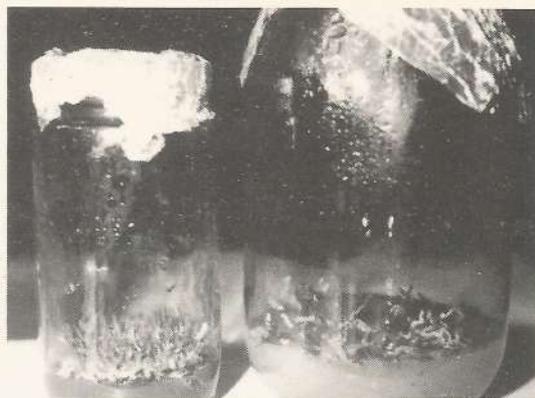


Frasco já pronto recebendo a selagem final, com filme plástico em lugar de papel de alumínio.

7 — Cuidados após a sementeira

Feita a sementeira, leve para um lugar fresco, seco e limpo, lembrando que, nas duas ou três primeiras semanas, deve ser lugar com pouca luz. Se você notar que há muita água, ponha algo que incline um pouco do frasco, pois isto ajuda as trocas gasosas da semente.

ATENÇÃO — DURANTE ESSE PERÍODO, CONTROLE SUA CURIOSIDADE, NÃO MEXA NO FRASCO, ATÉ PORQUE VOCÊ NÃO VAI VER NADA QUE VALHA A PENA; as sementes para germinar precisam de repouso e pouca luz. Depois do primeiro período, de cerca de três semanas, você notará um entumescimento das sementes, ou, quem sabe, pequenos pontos verdes (sobretudo se foi *Oncidium* o que você semeou, as *Cattleyas* são mais lentas, como, também, outras espécies e, mais ainda, os híbridos complexos). Pode, então, ir, gradualmente, aumentando o teor de luz, mas nunca passe de 50% antes de seis meses, e, até tirar do frasco, não vá além de 60%, dependendo do que você semeou, se foi *Phalaenopsis*, por exemplo, não passe nunca dos 30%.



Dois frascos com plantas em desenvolvimento, crescendo vigorosamente: o menor, com 6 meses, é cruzada de 2 *Cattleyas labiatis rubras*, o maior, com 8 meses, é um híbrido de *Miltonia spectabilis*, *Moreliana* x *Brassia ochroleuca*.

Se germinar, parabéns. Se não, é porque as sementes eram inférteis. Não desamine, tente outra vez. Agora, se você vir umas formações estranhas, um enfumaçado esbranquiçado, pontos cinzas-escuros, ou avermelhados, não é orquídea germinando, é fungo! CUIDADO, muito cuidado. Em nenhuma hipótese destampe o frasco, antes de levá-lo, pelo menos, por 30min., à panela de pressão (eu faço isso duas vezes, inclusive para quebrar a viscosidade da gelosia). Jogue o líquido fora, com cuidado, num esgoto, nunca na pia de sua cozinha ou no vaso sanitário. Não esqueça que fungo é nocivo também a você, à sua saúde.

Agradecimentos e promessa

O presente texto que se destina aos muitos sócios que nos escreveram pedindo orientação de como se iniciarem no cultivo assimiótico, tem, também, o propósito de mostrar que é fácil obter orquídeas sem agredir a natureza, pela coleta. Faça suas plantas e ajude a deixar em paz o meio ambiente.

Este artigo não teria sido possível se o autor do mesmo não tivesse contado, nos seus começos, com a ajuda e orientação de Alexis Sauer, um dos decanos da Orquidário, emérito híbrido e sementeiro. Agradecimentos, ainda e muitos, ao Prof. Roberto Novais, da Universidade Rural do Viçosa, MG, que alia à sua condição de Ph.D., a de orquidófilo, e que nos transmitiu as bases maiores deste método que procurei resumir.

As magníficas fotos de "Bill" Sweet ajudam muito na compreensão do texto.

Fica o apelo aos leitores que semeiam e dispõem de métodos melhores: escrevam, critiquem, corrijam e complementem. É, assim, que se formam o conhecimento e a tradição.

A promessa é de que, daqui a um ano, a Revista publicará a continuação: a vida da orquídea, depois do frasco. Um ano se justifica, pois quem já semeou não tem interesse, nem neste nem no próximo artigo. Quem tenha se iniciado, pela leitura do presente, não vai abrir o frasco antes de um ano...

Seedlings de matrizes
premiadas e selecionadas
de
Cattleya intermedia
Laelia purpurata

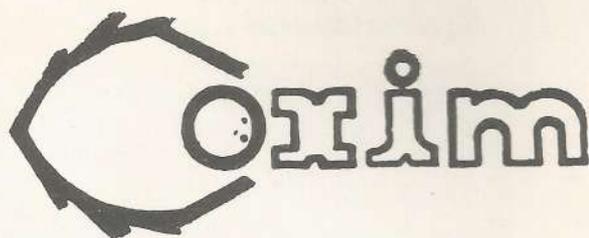
ESPÉCIES NATIVAS
BRASILEIRAS E
ESTRANGEIRAS

SOLICITE NOSSO
CATÁLOGO



RICSEL
ORQUÍDEAS

Rua Jataí, 758 - Porto Alegre - RS
90650 - BRASIL
(0512) 49.7566 - Telex (51) 3974 RPNL



O substrato alimentício 5;1;14, auto estabilizante do pH (5,3); duração mínima de 4 anos.

Pedidos e informações: A.B. Gomes Ferreira - R. do Paissandu, 678/902 - 52010 Recife- fone: (081)536-1016; Iara Freitas do Valle - Callada das Acácias, 52 - 06400 Alfaville SP fone: (011)421-4508

Espécies Interessantes

Roberto Agnes*



Cycnoches loddigesii

Cultivo: Dr. G. Staal

Qualquer um que tenha visto uma planta de *Cycnoches* em flor dificilmente não ficou embevecido pela forma interessante de suas flores. Comumente chamada de orquídea cisne, o nome *Cycnoches* vem do grego *kyknos* (cisne) e *anchen* (pescoço) que alude à formação do labelo branco e esbelta coluna arcada.

O gênero é endêmico nos trópicos americanos e foi primeiro descrito, em 1832, por John Lindley. Existem aproximadamente doze espécies nesse gênero, que é dividido em duas seções. Na primeira, *Eu-cycnoches*, a flor macho e a flor fêmea têm formas similares, incluindo espécies como *Cyc.cholorochilum*, *Cyc.lehmanni* e *Cyc.loddigesii*. Na seção *Heteranthae*, que compreende, entre outras, *Cyc.egertonianum* e *Cyc.pentadacty-*

lum, a estrutura do labelo, na flor masculina, é bem distinta da flor feminina.

As plantas de *Cycnoches* são bem parecidas com as de *Catasetum* e podem ser cultivadas juntas, já que como os *Catasetum* elas não gostam de frio, não devendo a temperatura adequada ser inferior a 12°C, durante o inverno. No verão elas suportam temperaturas bem altas desde que o ar seja mantido úmido. As plantas devem ser cultivadas num composto bem aberto, por exemplo, xaxim bem desfibrado, e os vasos suspensos no teto do orquidário. As plantas são decíduas e, depois de florescer, quando perderem as folhas, pouca água deve ser dada, devendo as plantas ficar numa área mais seca do orquidário. Quando o novo broto começar a despontar a rega pode ser recomeçada e uma vez que as novas folhas apareçam deve-se regar e fertilizar com frequência e regularidade já que essas plantas

* Travessa Pepe, 98/201 — Botafogo — CEP 22.290 — Rio de Janeiro.

são vorazes. As plantas gostam de luz forte e podem ser suspensas sobre as *Cattleyas*, sempre certificando de que existe umidade suficiente e boa circulação de ar.

Cycnoches loddigesii é endêmica do Brasil, Colômbia e Venezuela e foi denominada em honra de Messrs. Loddiges da Inglaterra. As plantas desta espécie são bem grandes e os pseudobulbos, que medem até 20cm de altura, produzem de 5 a 7 folhas de até 40cm de comprimento. A inflorescência é produzida perto do ápice do pseudobulbo e produz de 6 a 10 flores, que medem até 9.5cm de diâmetro. As pétalas e sépalas são de um verde-oliva pálido e o labelo branco é pintado com manchas cor de chocolate. A coluna é esbelta, arcada e mede até 7cm de altura.

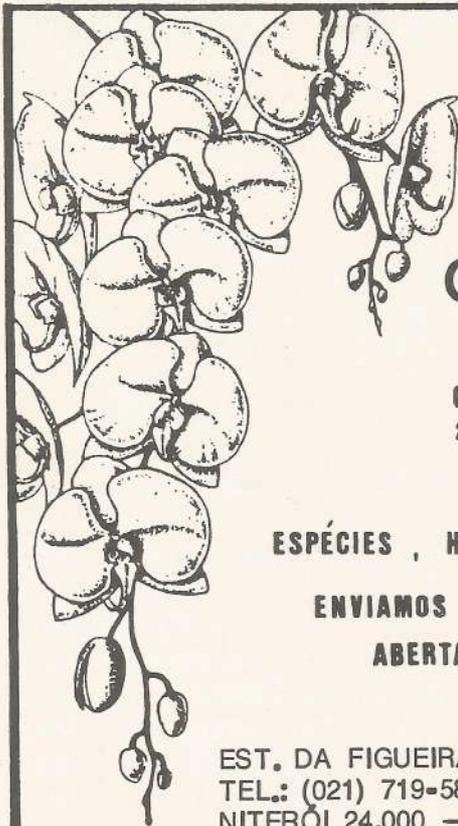
Com flores tão impressionantes, é natural que *Cycnoches* tenha sido usada em hibridação, e um número de híbridos intergenéricos com *Catasetum* e *Mormodes* têm sido registrados. Tem-se notado que as flores femininas são duradouras e há a esperança de que a progênie herde essa qualidade.

Infelizmente, híbridos entre *Cycnoches* e *Catasetum* não têm produzido flores de longa duração. A *Catanoches* Penthouse (*Cyc.haagii* x *Cts.pileatum*), por exemplo, produz lindas flores que só duram uma semana.

Resultados melhores têm sido alcançado com a *Cycnodes* (*Cycnoches* x *Mormodes*), sendo que um dos híbridos mais impressionantes por sua beleza é o *Cycnodes* Wine Delight (*Cyc.lehmanni* x *Morm.sinuata*) que produz flores de uma grande gama de cores. O melhor clone, *Cynd.* Wine Delight 'Jem' FCC/AOS tem flores de cor vinho tinto e foi a única planta do grupo *Catasetum* a receber um FCC/AOS até hoje.

Muito trabalho tem sido feito com estas estranhas e belas plantas nos EUA, quase sempre com bons resultados, tornando-as ainda mais populares.

O Brasil é rico em espécies de *Catasetum*, *Mormodes* e *Cycnoches* e esperamos em breve ver mais dessas espécies e seus híbridos em coleções pelo país.



FLORÁLIA[®]

ORQUIDÁRIOS REUNIDOS LTDA

CAIXA POSTAL N.º 100.541
24.000 - NITERÓI - RJ

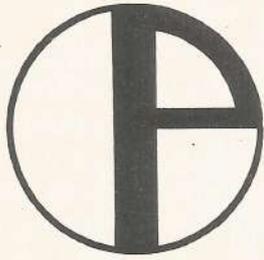
ESPÉCIES , HÍBRIDOS E MERISTEMAS

ENVIAMOS LISTA MEDIANTE SOLICITAÇÃO

ABERTA TODOS OS DIAS DE 8:00 ÀS 17:00

EST. DA FIGUEIRA, 592
TEL.: (021) 719-5800
NITERÓI 24.000 - RJ

RUA MAESTRO OCTÁVIO MAUL, S/N.º
TELS.: (0242) 42-4340 e 43-6050
PETRÓPOLIS - RJ



ORQUIDÁRIOS DOS PINHOS

R. Graciano Soares de
Araújo, 156/165
Cotia — SP — CEP 06.700
Fone: (011) 493-2807

Da nossa última Lista de Preços, constam:

- 145 — Cat. Int. 'Encosta da Serra' x Cat. Int. Concolor, 'Maria Faceira'
60% têm saído de um belo aquinado
- 226 — Lp. Flâmea n° 1 (Lp. Striata Paccioni x self) x Lp. Gracicata 'Igrejinha'
- 227 — Lp. Striata Doracy n° 6 (Striata Doracy x self) x Lp. Rubra n° 2
- 228 — Lp. Rubra do Parreira x Lp. Rubra n° 1
- 240 — Lp. Argolão Striato roxo Bispo x Lp. Argolão 'Kluwe'
- 257 — Cat. Int. Flâmea 'Junior' x Cat. Int. Flâmea 'Cotia I'
- 258 — Lp. Mandayana 'Schmidt' x Lp. Mandayana 'Brigadeiro' (= 'Itajaí')
- 259 — Lp. Tipão 'Schultz' (= 'Dante Vagnotti') x Lp. Campeira
- 260 — Lp. Flâmea n° 1 x Lp. Tipão 'Schultz' (= 'Dante Vagnotti')
- 262 — Lp. Venosa n° 1 x Lp. Flâmea n° 1
- 264 — Lp. Venosa n° 1 x Lp. Campeira
- 265 — Lp. Venosa n° 1 x Lp. Venosa n° 2
- 267 — Lab. S/Alba (Marina x Odete) x Lc. Enid Butterfly
- 273 — Lab. aut. 'Márcia Regina' x Lab. aut. 'Recife'
- 275 — Lab. aut. 'Márcia Regina' x Lab. aut. 'Múcio Soares'

CONDIÇÕES DE VENDA: As plantas disponíveis, de tamanho 1, são vendidas a 1 BTNf, e tamanho 2, a 2 BTNf. Valor mínimo da encomenda, para remessa pelo Correio-Sedex, 30 BTNf. Os pedidos devem vir acompanhados de cheque em favor de AMANDIO PINHO CAETANO, com o valor total da encomenda acrescido do valor do frete postal (8%, Região Sudeste, ou 15%, demais regiões).

Perguntas e Respostas

Pergunta

Gostaria de saber se o uso de *bário* como micronutriente não é perigoso já que é uma substância tóxica.

Carlos E. Brito Pereira

Resposta

Houve uma falha de tipografia, pois o micronutriente usado é *boro*, e não *bário*, que é realmente tóxico. Há uma outra falha, que também vale corrigir. Na enunciação dos macronutrientes leia-se, no final, *cálcio e magnésio*.

Pergunta

Na série sobre *Paphiopedilum* o autor se refere ao estaminóide quando descreve algumas das flores. O que é o estaminóide? Gostaria de saber se as flores têm sépalas iguais à de flores como *Cattleya*.

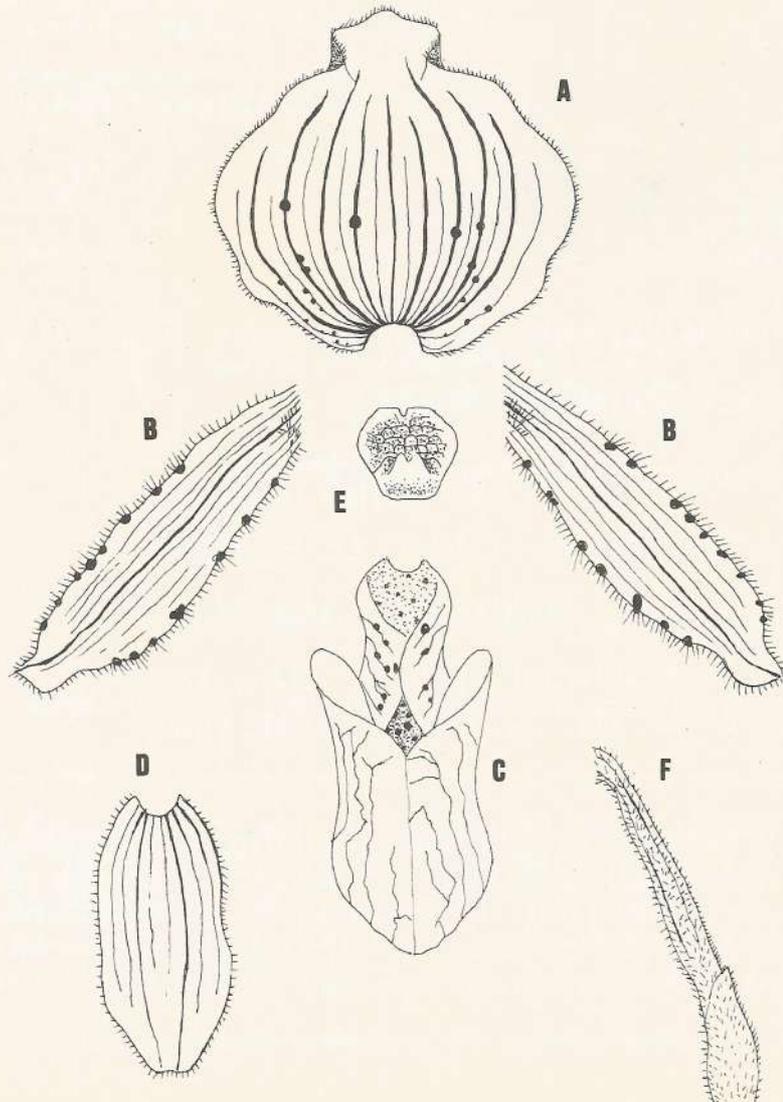
Resposta

A flor do *Paphiopedilum* é bem diferente se comparada com as flores de outros gêneros. Para ajudar entender a estrutura dessa flor pedimos ao nosso desenhista que separasse as peças florais de *P. callosum*. Nota-se que a flor não tem duas sépalas como na maioria das orquídeas, pois, no processo evolutivo elas se juntaram para formar a *synsépala*. O estaminóide faz parte da coluna e é uma antera estéril. O estaminóide ajuda o inseto polinizador a achar a estigma.

Pelo desenho, os segmentos da flor são:

- a — Sépala dorsal
- b — Pétalas
- c — Labelum (o chamado sapatinho)
- d — Sinsépala
- e — Estaminóide
- f — Ovário, pedicelo e bráctea

Roberto Agnes



OFERTA ESPECIAL!

A Vida Secreta das Plantas - Peter Tompkins, Christopher Bird

Anais do 1º Encontro Nac. de Orquidófilos e Orquidólogos - coord. Antonio V. Pinto

Aves do Brasil/Beija-flores - Vol. IV e V - Augusto Ruschi

Guia dos Orquidófilos - Floyd. S. Suttleworth

Jardim Botânico do Rio de Janeiro - Tom Jobim, Zeka Araújo

O Jardim e a Mini-Horta - Diversos

Orquídeas Brasileiras - Cattleya labiata Lindley - L. C. Menezes

Orquídeas do Estado do Espírito Santo - Augusto Ruschi

Prevenção da Poluição Marinha - H. Blois

Beija-Flores do Brasil - Rolf Grantsau (disponível em português ou alemão)

Orquídeas - Maravilhas da Natureza - Takashi Kigima

Consulte nossos preços!

Atendemos também a pedidos de livros sobre orquídeas de outras editoras, nacionais ou estrangeiras.

APROVEITE!

Desconto de 20% nos pedidos feitos até 30/04/90.

Faça já o seu pedido pelos telefones (021)240-9054 ou (021)292-6116, ramal 225, com a Srta. Norma. Se preferir, peça pela caixa postal ou pelo telex abaixo.



Editora EXPRESSÃO E CULTURA - Exped Ltda.

Av. Presidente Wilson, 165/Gr. 713/723

20030 - Centro - Rio de Janeiro-RJ

Caixa Postal 3726

Telex (21)22391 GEGH-BR

Sementeira dos Sócios

Trocas de plantas entre sócios. Artigos sobre critérios de julgamento

- 1) *A OrquidaRio deveria estimular o intercâmbio entre sócios, divulgando na Revista nome e endereço dos interessados em venda e trocas de plantas.*
- 2) *A revista poderia publicar artigos sobre critérios de julgamento, matéria de difícil acesso aos iniciantes.*

Ricardo Patrezze — Sco 162

Fica difícil, Ricardo, à Sociedade interferir nesse tipo de transação, entre sócios (desejo, aliás, que muitos manifestaram) por algumas razões, entre essas: o custo da revista é muito elevado e para relacionar nomes e endereços de todos ficaria caro, roubando espaço, que é precioso. O que podemos fazer é fornecer a quantos se interessem, relação dos sócios atuais, em número já bem elevado, bastando, para tanto, que nos remetam 2 BTN'sf. para cobrir os custos de cópia e Correio.

Sobre critérios de julgamento a revista publicou uma série de artigos de Roberto Agnes, que, como todos sabem, é juiz internacional, credenciado pela American Orchid Society. Pretendemos retornar ao assunto em breve, organizando um curso, sendo publicados na revista os resumos.

OrquidaRio

Cultivo assimiótico. Estufas

Pedi informações sobre como cultivar, através de sementes em frascos e sobre dados técnicos para construir uma estufa e nunca as recebi.

Adolar Hörmann — Sco 107

Sobre sementeira assimiótica, nesta edição há uma matéria para principiantes. Na *Mala Direta* oferecemos aos sócios fascículos de autoria de Osmar Judice, que contém algumas indicações sobre estufas e ripados. Praticamente, nada existe no Brasil editado sobre o assunto. Sobre sementeira, embora já um tanto anacrôni-

co, existem algumas orientações no livro de Waldemar Silva, *Cultivo de Orquídeas no Brasil*, obra, aliás, que todos os interessados em orquídeas deveriam possuir principalmente os iniciantes.

OrquidaRio

Maior divulgação dos trabalhos das Diretorias Técnicas e de Exposições. Cultivando a OrquidaRio

Seria importante que a revista divulgasse o trabalho dessas duas áreas. Quais as plantas expostas e quais as premiadas e por que, na exposições patrocinadas pela OrquidaRio?

O artigo "Cultivando OrquidaRio", publicado em dezembro, no item "Dispersão de Sementes" deixou de fazer referência à presença da OrquidaRio na 1st Expointer realizada em novembro, seja pela participação com stand de plantas, de livros e revistas ou, ainda, por ter como coordenador geral, um dos sócios-fundadores e como responsável técnico Roberto Agnes, atual Diretor Técnico, que contribuíram para que aquela fosse a melhor exposição já realizada no Brasil.

Leonardo Freitas do Valle — SF n.º 17

A sugestão foi acolhida e neste número estamos iniciando reportagens sobre exposições importantes. E começamos, justamente, pela 1st Expointer. Aliás a *Mala Direta* já tem noticiado exposições, concursos internos e premiações. Como dito antes a Ricardo Patrezze, está na programação técnica deste ano um curso sobre avaliação e julgamento. O objetivo é aumentar o nosso quadro de juizes, para que possamos melhor julgar e, mais adiante, estimular os sócios do interior a se reunirem e promover mostras, a que comparecerão nossos juizes, fazendo julgamento regionais.

O artigo "Cultivando a OrquidaRio" foi escrito bem antes da 1st Expointer. Basta ver que ainda se refere, como bibliotecário ambulante, ao nosso saudoso José Maria Penido, falecido no meio do ano.

OrquidaRio

Cores na Revista — Aquisição de plantas com desconto.

A Revista deveria introduzir fotos a cores, seção informativa, orientação técnica, consultas, etc.

Como sugestões à Diretoria Social lembro o exemplo da AOS. Ainda, que estude a possibilidade de obter ofertas de plantas, com descontos para os sócios, através da sociedade.

*Eclésio Holanda Cavalcanti
Sc-14*

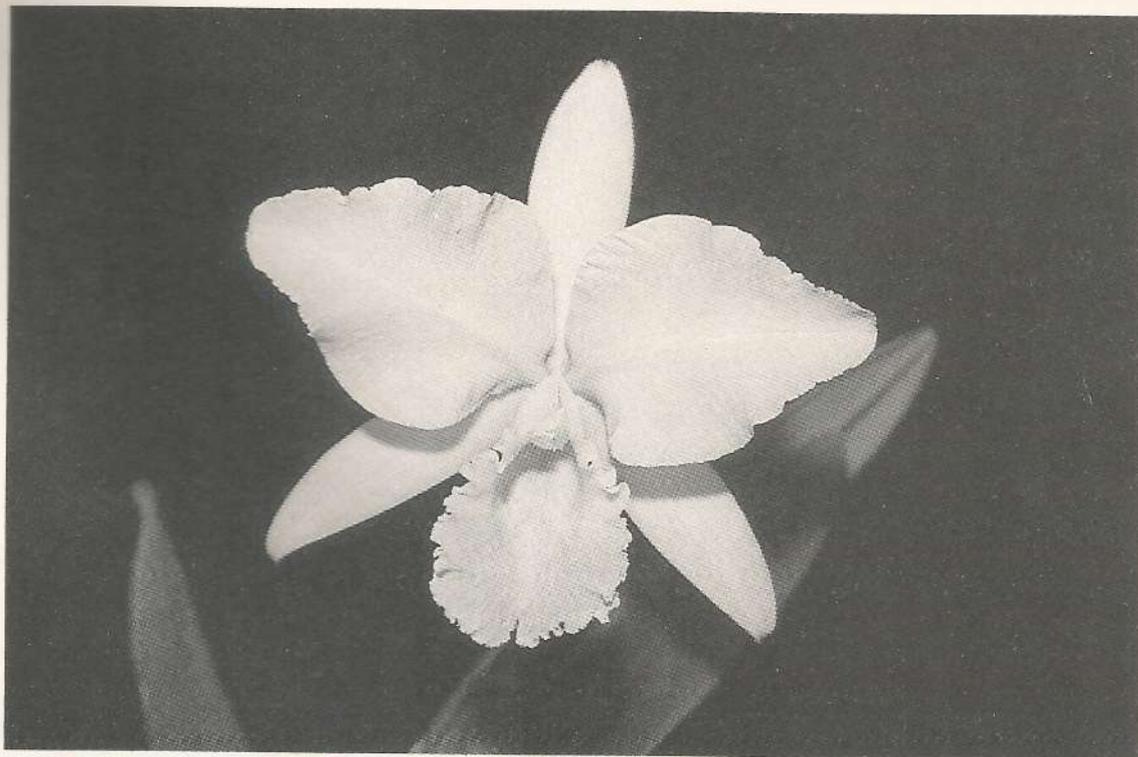
Desde o número passado começamos a introduzir fotos coloridas na Revista, o que se ampliou neste número. O grande problema é o elevado custo gráfico, por isto é imprescindível que os sócios sejam pontuais, no pagamento das suas contribuições e ajudando o quadro social a crescer, indicando novos sócios, o que, por economia de escala, barateará os custos e permitirá um padrão de qualidade sempre maior. Os sócios que comerciem com plantas e acessórios também podem ajudar, e muito, inserindo publicidade na Revista. Até mesmo os não-comerciantes que queiram vender

ou trocar podem fazer pequenos anúncios, para isto temos os espaços de 1/8 de pág. que podem ser comprados a 32 BTN's fiscais e 1/16 a 17 BTN's fiscais.

Se o exemplo da AOS, lembrado, é o das exposições e os julgamentos regionais, saiba que as Diretorias de Exposições e de Julgamentos estão estudando o assunto, como foi dito acima a Leonardo Freitas do Valle.

Quanto à compra de plantas, com abatimento, a Diretoria já conseguiu e foi divulgado na Mala Direta, que os orquidários Florália e Binot, dêem descontos, de 20% e 10%, respectivamente aos sócios da OrquidaRio. Infelizmente, por causa dos elevados custos de embalagem e correio, só dão nas compras diretas nos seus estabelecimentos. A Diretoria Social informa que está estudando o assunto, em busca de solução, já que a sociedade, não tem como arcar com os custos de embalagem e correio. Estamos, também, tentando obter, desconto com outros comerciantes nos diversos estados, para tentar viabilizar esse benefício para um maior número de Sócios.

OrquidaRio



equilab[®]



as melhores espécies
de orquídeas brasileiras
reproduzidas por clonagem
ou sementeira.

solicite nosso catálogo
caixa postal 132
13.100 campinas - sp
tel. (0192) 41 1899
telex. (019) 1183



Small white label with a red border, containing faint, illegible text.